



## MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras  
UNESP – Campus de Assis  
ISSN: 1984-2899  
www.assis.unesp.br/miscelanea  
*Miscelânea*, Assis, vol.8, jul./dez.2010



# **A CONTROVERTIDA TRAJETÓRIA DAS EDIÇÕES GRD— ENTRE AS PUBLICAÇÕES NACIONALISTAS DE DIREITA E O PIONEIRISMO DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL**

Rodrigo Christofolletti  
(Doutor — FGV)

## RESUMO

As *Edições GRD*, editora criada no final da década de 1950, ficou conhecida por publicar grande parte dos escritos integralistas no período pós-guerra. É significativo que, a partir dos anos de 1960, a editora passe a publicar, ao lado dos já consagrados títulos conservadores, livros de ficção científica, o que, para os detratores integralistas, gerou confusão sobre o perfil da editora. Neste texto, objetiva-se apresentar partes da trajetória das *Edições GRD*, considerada a pioneira no país a editar livros de ficção científica. Busca-se também estabelecer um paralelo entre sua militância direitista e a ambivalência que a edição do gênero causou ao seu editor, Gumercindo Rocha Dórea, na época, acusado de ser um *futurólogo passadista*. Portanto, o texto apresenta o caminho ambíguo perseguido pela editora entre o aperfeiçoamento das técnicas de difusão da ficção científica existentes no Brasil e seu conservadorismo militante.

## PALAVRAS-CHAVE

Edições GRD; ficção científica; editoras brasileiras.

## ABSTRACT

*Edições GRD*, editor created in late 1950 was known for publishing many of the written completely in the postwar period. It is significant that from the years 1960 to edit go to publish, alongside the already established titles conservatives, science fiction books, which led to confusion about the profile of the publisher. This paper aims to present parts of the trajectory of *Edições GRD*, considered a pioneer in the country to publish books of science fiction. It also seeks to stabelish a paralll between his righth-wing militancy and ambivalence that the issue, of the science fiction genre led to his Publisher, Gumercindo Rocha Dorea that was at the time, accused of being na old-futurist. Therefore, the text presents the ambiguous path pursued by the publisher of improving techniques for the dissemination of the genre of science fiction in Brazil and its militant conservatism.

## KEYWORDS

Edições GRD; science fiction; brasilian editors.

**E**ste artigo busca recuperar parte da trajetória das *Edições GRD* no trato, publicação e aperfeiçoamento das técnicas de difusão do gênero de ficção científica existentes no Brasil (papel que se contradiz com o furor conservador vivido pela editora), tendo como base algumas reportagens de jornais de grande circulação nacional e textos publicados em páginas eletrônicas, disponibilizados entre os anos de 1986 e 2009. As diversas reportagens publicadas no periódico paulistano *Jornal da Tarde*, assinadas em sua maioria pelo jornalista Roberto de Sousa Causo,<sup>1</sup> fazem parte de um curioso acervo que encontra paralelo de informações em reportagens sobre o gênero em revistas como *Super Interessante* e *Isto é!*, ambas nos anos de 1986. Também foram encontradas menções sobre Gumercindo Rocha Dórea, proprietário das *Edições GRD* enquanto precursor do gênero no país nos apontamentos de dois dos mais renomados críticos literários brasileiros: Wilson Martins e Alfredo Bosi. A vinculação de Dórea com a ficção científica, bem como a relação estabelecida entre as *Edições GRD* e o mercado de produção e difusão deste gênero também podem ser acessadas em alguns textos disponíveis na internet. Uma rápida pesquisa nos sítios de busca, com as palavras-chave "Gumercindo Rocha Dórea" e "ficção científica" levará o pesquisador a mais de uma centena de indicações genéricas e específicas sobre o tema e o intelectual.

As *Edições GRD*, fundada em 1956, é mais conhecida por suas publicações de filosofia em geral, obras de e sobre Plínio Salgado (o líder do movimento integralista brasileiro), bem como sobre o integralismo e temáticas ligadas a este movimento. A partir dos anos de 1960, a *GRD* passa a publicar concomitantemente, livros de ficção fantástica e de cunho católico, o que para os antagonistas do integralismo gerou confusão sobre o perfil da editora.

Gumercindo Rocha Dórea foi responsável por publicar as primeiras edições de autores hoje consagrados, como Néida Piñon, Gerado Mello Mourão, Rubem Fonseca (é da *Edições GRD* a primeira edição de *O Prisioneiro*),

---

<sup>1</sup> Tributamos ao jornalista Roberto de Souza Causo grande parte das informações contidas neste artigo.

Astrid Cabral, José Almeida Pinto, dentre outros. No entanto, o que nos interessa neste artigo é sua incursão de editora pioneira ao lançar obras de ficção científica no Brasil. Este não é um fato isolado ou menor, pois se trata de um período de clara tendência e definição político-ideológica em que o comunismo e o capitalismo iniciavam suas incursões espaciais, detectadas de maneira consistente nos livros publicados pela GRD. A *Ficção Científica GRD* tornou-se a mais importante coleção de ficção científica da sua época no Brasil. Por isso, Fausto Cunha, então respeitado crítico literário, chamou esse grupo de autores de "Geração GRD", nome pelo qual aquele momento chegou até os poucos escritores, fãs e pesquisadores interessados por ficção científica na década de 1980.

O caso específico da editora de Gumercindo Rocha Dórea é paradigmático para refletirmos sobre o papel crucial que este específico gênero teve neste período no Brasil. Nesse sentido, as publicações de ficção científica das *Edições GRD* merecem ser estudadas em uma dupla chave de interpretação: como um projeto individual e coletivo, pois editores como Rocha Dórea conseguiram estabelecer uma relação de realidade/virtualidade com seus leitores, o que se traduziu numa construção de "símbolos compartilhados, linguagem e gramaticalidade comuns, ou seja, elementos inseridos no processo de interação e negociação da realidade, expectativas e desempenhos de papéis congruentes [...]" (VELHO, 2003, p. 17) que fizeram do gênero uma base onde se poderia desenvolver tal cultura política.

Com base nessa noção, assume-se a premissa de que o investimento neste tipo de literatura representou o encontro e a sinergia de projetos individuais distintos, mas que compartilhavam uma rede de significados e de sociabilidade, sendo a ficção científica elemento comum no campo de possibilidades intelectuais de seus membros. Segundo Gilberto Velho, os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim, a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos

diferentes, até contraditórios (VELHO, 2003, p. 46). A noção de metamorfose, também trabalhada pelo autor, ajuda a entender essa dinâmica inerente aos projetos individuais.

Gumercindo Rocha Dórea, expressa, com relativa clareza e consciência, o processo de metamorfose de seu projeto individual. Sua própria história profissional, que combina diferentes experiências, é o retrato deste fenômeno, pois, como também ensina Gilberto Velho, “no plano individual, a participação em mundos diferenciados e o desempenho de múltiplos papéis levam ao desenvolvimento de um potencial de metamorfose particularmente rico” (VELHO, 2003, p. 68). Através de sua fala foi possível observar como seus projetos se transformaram e se adaptaram. Certamente o mesmo processo se deu com outros editores congêneres. Discursos que merecem ser desvelados.

Em consonância com a afirmação da historiadora Ângela de Castro Gomes, para quem o guardião “é um profissional da memória” (GOMES, 1996, p. 7), a sugestão é que o pioneirismo na publicação da ficção científica no Brasil credencia Rocha Dórea a atingir, atualmente, em pleno século XXI, a aspiração de se legitimar como um guardião da memória desse gênero no país. A abundância de títulos e a longevidade do interesse pelo gênero oficializam Rocha Dórea como um guardião dessa memória. Neste contexto, a história de vida do editor ganha relevância, uma vez que congrega fatos enunciativos desta aceitação e concretização.

Após cinquenta anos editando livros, o integralista convicto Gumercindo Rocha Dórea, se ressentido por não ter recebido o mesmo tratamento por parte dos antigos escritores que lançaram livros por sua editora, os que ele denomina de “antigos afilhados” e mesmo por parte da crítica editorial especializada. O pioneirismo na publicação de ficção científica no Brasil e sua revisitação sazonal sinalizam a necessidade de conhecermos personagens como Rocha Dórea, a despeito de uma suposta ambiguidade com relação a sua posição peremptória no campo político, advogando questões de cunho conservador.

## **GRD — entre a proa e a popa do mercado**

A situação da indústria editorial brasileira conheceu mudanças significativas a partir da segunda metade da década de 1950, quando passou a existir um maior interesse do governo pelo setor, manifesto na diminuição dos tributos sobre o papel, na simplificação das tarifas alfandegárias e no surgimento de uma política de financiamento. Os incrementos na área inseriram-se, portanto, no bojo das transformações econômicas conhecidas pelo plano de metas juscelinista e vários são os indicadores que demonstram a sua expansão: o mercado de publicações ampliou-se, aumentando o número de jornais, revistas e livros, bem como das editoras que publicavam livros de todas as gramaturas do mosaico político (BAHIA, 1984, p. 98). Atentas às possibilidades de articulação de suas ideologias, algumas editoras de menor porte constataram o potencial das bancas de jornal e dos envios postais, além das chamadas “vendas a balcão” (de boca em boca), como espaços de disseminação de sua propaganda e de aproximação de simpatizantes para suas causas, o que favoreceu o consumo em maior frequência de tipos específicos de publicações político-partidárias, viabilizadas pela facilidade da circulação, difusão e acesso.

Além da literatura proselitista, de cunho conservador, as *Edições GRD* mantiveram uma coleção de política internacional, além de obras sobre ciências humanas. Com mais de trezentos e cinquenta títulos, as *Edições GRD* apostaram em uma estratégia *sui generis* para publicar e publicizar os textos de seus autores. Nas palavras de Rocha Dórea, a “GRD não fabrica ou promove um escritor através da mídia, mas tem descoberto talentos que hoje são reconhecidamente renomes na literatura recente, assim, reputo que somos uma editora de boca a boca e de pé quente!” (DÓREA, 1998, p.12).

Em 1998, no trigésimo segundo aniversário da editora, Gumerindo Rocha Dórea rememorou passagens de sua trajetória de advogado poliglota a editor de livros diversos:

Costumo dizer que é um problema de sonho e realidade: conforme ia ampliando minha formação intelectual, constatava que quase todas as obras essenciais do conhecimento humano não se encontravam traduzidas para nossa língua. E tive, portanto, que aprender várias línguas, que hoje leio razoavelmente. Sonhei, então, lançar essas obras em nossa língua, mas não realizei este objetivo, o que lamento muito! Então, enveredei por outros caminhos, bem mais difíceis como o de descobridor de autores novos, descortinando os horizontes da ficção científica, de diversas áreas do político [...] e isso me dá a sensação exata de que ser editor é, nada mais, nada menos, que uma vocação (DÓREA, 1998, p. 11).

Mas, se Dórea se compraz em ser um editor *outsider* e ter conseguido pôr em prática incursões editoriais<sup>2</sup> de diferentes tipos, também se locupleta de jamais ter cedido ao que chama de “jogos do sistema editorial capitalista antropofágico”, sendo assim, “impossível esconder a frustração de se ver hoje muito aquém do que esperava, sobretudo do ponto de vista material” (DÓREA, 1998, p. 12).

Laurence Hallawell, que se dedicou ao estudo do livro no Brasil, afirma que as *Edições GRD* tiveram uma importância substancial na transformação editorial no país, pois além de lançar muitas obras de literatura nacional que viriam a se consagrar, publicou algumas das mais notáveis reedições da década, sendo seu período de maior atuação os anos 1960. Ainda de acordo com Hallawell, “tal editora foi a principal incentivadora do gênero ficção científica no país, a primeira a apostar no segmento, o que não impediu que, por volta de 1970, depois de mais de vinte anos editando publicações de relativo sucesso, praticamente cessasse suas atividades” (HALLAWELL, 1981, p. 407 e 447).

Entretanto, para Gumercindo R. Dórea, a editora continua ativa, publicando menor número de títulos, na sua maioria, vinculados ao nacionalismo, dos quais recebem sua maior atenção os relativos ao

---

<sup>2</sup> De acordo com a historiadora Márcia Regina Carneiro, GRD expandiu suas idéias anti-marxistas e autoritárias pelo interior do Brasil por meio dos pequenos jornais que reproduziam seus artigos originalmente escritos na *Revista Convívio*. No interior e nos quartéis, seus artigos eram lidos por admiradores, mesmo após a ditadura. “Se havia publicação é porque havia demanda” afirma GRD, em entrevista à historiadora.

integralismo. Entrevistado em fevereiro de 2008, Dórea contestou reiteradamente a ideia propalada por Hallowell de que a GRD havia sido desativada: “A GRD não cessou suas atividades em meados da década de 70, mas sobrevive bravamente até hoje. Se eu fosse compactuante como muitos outros, decerto estaria rico, mas mesmo assim continuaria integralista” (ROCHA DÓREA, 2007).

Percebem-se duas interpretações diferentes com relação à desativação da editora nas informações fornecidas por Hallowell e Dórea. A primeira é baseada em fontes estatísticas, bem como na análise conjuntural da editoração de livros no Brasil no período dos anos 1960, e a segunda, constitui-se num certo sentimento de preservação, tão comum naquele que nunca abandonou a militância. É notável perceber a relutância de Dórea em relação ao término das suas atividades à frente da editora, pois, desde seu primeiro número, em 1956, (o livro de Hebert Parentes Fortes (que era integralista e fora seu professor, intitulado *Filosofia da Linguagem*, rodou dois mil exemplares tirados na gráfica da *Folha Carioca S. A.* no bairro do Santo Cristo, no Rio de Janeiro)), Dórea jurou “jamais cessar suas atividades de editor de livros a não ser por sua própria morte” (CAMARGO, 1986, p. 9).

Era o próprio Rocha Dórea quem garimpava, encontrava, editava, publicava, cobrava, recebia e não recebia, segundo o mesmo — mais o segundo do que o primeiro — o que fez o editor lançar mão de determinadas táticas comuns nos anos 1950 e 1960 para incrementar suas vendas. A chamada *dúzia de 13* era um de seus estratagemas. Se o livreiro comprasse uma dúzia de exemplares recebia treze, o 13º de maneira gratuita. Outras estratégias como a consignação ou a permuta, ajudavam os pequenos editores a vencerem os percalços da profissão. Em outro episódio, em que confessaria ter contado mais com a sorte e menos com o faro, Gumercindo Rocha Dórea leu no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 1960, a opinião de Tristão de Athayde sobre um texto considerado por ele como “demoníaco”. O texto de um autor enleado com desgraças da época, Gerardo Mello Mourão, recentemente saído da prisão havia sido derrotado em concurso de romances no qual

concorrerá, perdendo para uma obra de Heloneida Studart. Rocha Dórea percebeu a importância do texto e contactou seu autor para editá-lo. Essa foi a primeira parceria entre o editor Rocha Dórea e Gerardo Mello Mourão, autor de *Valete de Espadas*, livro que, posteriormente, a crítica especializada adjetivaria como surreal, místico, ainda hoje considerado um dos mais instigantes livros da literatura brasileira (CAMARGO, 1986, p.10). Com uma tiragem de dois mil exemplares (média inicial dos livros da GRD na época) o livro foi um furor, porém, a má distribuição impediu que este e os demais livros da editora de Rocha Dórea despontassem e tivessem grande vendagem. É o próprio Rocha Dórea que admite: “para um editor que não tem uma grande produção, o nó górdio que o enforca é o da distribuição!”. (CAMARGO, 1986, p.11).

É do crítico literário Waldir Ayala a afirmação sobre Dórea: “Os editores brasileiros têm os olhos voltados para a GRD, apostando em sua resistência para continuar lançando os autores que tem lançado [...], pois se trata de uma editora que garimpa tesouros escondidos [...]” (AYALA, 1986, p. 9). Moacir C. Lopes corrobora o que diz Ayala: “[...] ser integralista não o desabona [...] o que o desabona é permanecer voltado a uma fórmula que raramente poderá dar certo, pois Rocha Dórea vive e respira o integralismo como o fizera sua vida toda. Sua ideologia e convicção políticas também afastaram seus interlocutores. Preconceito que valeu ao editor a periferia do mercado” (LOPES, 1978, p. 9).

Como a maioria das pequenas editoras brasileiras, a GRD, a partir de meados da década de 1960, também passou a contar com a ajuda do USIS (Serviço de Divulgação e relações Culturais dos Estados Unidos da América do Norte) em suas embaixadas ao redor do mundo. Como relata o jornalista Oswaldo de Camargo: “era dele uma lista enorme de obras que lhe interessava ver editada no Brasil. Os editores iam e escolhiam o que quisessem. Gumercindo escolheu para editar, entre outras obras de Brezinski e Friedrich o livro clássico *Autocracia e Totalitarismo*, além de *O Soldado Profissional* de Morris Janowitz” (CAMARGO, 1986, p. 9). É relevante indagarmos: se a editora de Gumercindo Rocha Dórea recebeu verbas deste órgão governamental é porque se revelou disposto a servir aos interesses e publicar obras que eram



financiadas pelo Serviço de Divulgação e relações Culturais norte-americano, o que o coloca em sintonia com a propagação ideológica da contenção comunista na América Latina.

Dentre os diversos títulos publicados pela GRD, *O prisioneiro*, *O país dos Mourões*, *O romance modernista de Plínio Salgado*, *Antologia da Ficção Científica Brasileira*, *Um cântico para Leibowitz*, *Contos de Nagô*<sup>3</sup> expressam a linha editorial eclética levada a cabo pela editora. Wilson Martins, crítico sempre severo, sintetiza a GRD como sendo uma editora renovadora, pioneira e diversificada: "uma mistura que faz dos textos publicados por seu editor, algo com qualidade, a despeito das tintas carregadas da maioria de seus títulos que ora proselitistas, ora doutrinários, refletem sim, a idiosincrasia e a ideologia de seu proprietário" (MARTINS, 1986, p. 78).

Com um perfil que oscilou entre o conservadorismo arrojado e a teimosia, buscou ser vanguarda, mesmo sendo acusado de retrógrado, um editor curupira. Em sua trajetória, jamais dividiu a responsabilidade da edição e publicação com nenhum conselho consultivo, ou colegiado que pudesse "palpitar sobre as escolhas editoriais". Postura, aliás, mantida até os dias atuais.

### **Edições GRD - precursora do gênero ficção científica no Brasil**

Especialistas do gênero chamam a atenção para o fato de que a ficção científica já era um gênero incubado pelo menos desde a segunda metade do século 19. Machado de Assis publicou em 1882 o conto "O Imortal", espécie de "autoplágio" de uma história anterior, "Rui de Leão", de 1872. Em 1875, Augusto Emílio Zaluar publicou o romance científico *O Doutor Benignus* - no mesmo ano em que o argentino Eduardo Holmberg lançava *El maravilloso viaje del Sr. Nic-Nac*, e o cubano Francisco Calcagno, o seu *Historia de un muerto*,

---

<sup>3</sup> Livros escritos respectivamente por: Rubem Fonseca, Gerado Mello Mourão, Augusta Garcia Rocha Dórea, Gumercindo Rocha Dórea, Walter Miller, Deoscóredes M. dos Santos, o mestre Didi.

completando os três romances que disputam a distinção de serem os primeiros exemplos de Ficção Científica na América Latina.

Conforme o gênero avançava pelo século 20 — com escritos de Gastão Cruls, Monteiro Lobato, Adalzira Bittencourt, Menotti del Picchia, Berilo Neves, Gomes Netto, Afonso Schmidt, Érico Veríssimo, Jerônimo Monteiro<sup>4</sup> (HALLAWELL, 1991, p. 678) e outros — o mesmo foi se tornando mais característico, apresentando mais máquinas do tempo como a de H. G. Wells, incubadoras mecânicas de seres humanos, naves espaciais e guerras interplanetárias. A sua ocorrência, apesar disso, era esporádica, embora houvesse alguma comunicação entre uma e outra — Menotti del Picchia parecendo influenciar-se por G. Cruls, Érico Veríssimo por Monteiro Lobato, Gomes Netto por Berilo Neves, dentre outros.

A ficção científica penetrou com força na linha editorial brasileira a partir da década de 1960, momento que ficou conhecido como a "Primeira Onda da Ficção Científica Brasileira" (CAUSO, 1988, p. 7), segundo expressão da acadêmica americana Andrea L. Bell. O período em questão coincidiu com uma "explosão" do consumo deste gênero na América Latina, em termos do número e da qualidade das obras sendo produzidas por autores que dedicavam todos os seus esforços no sentido das crescentes oportunidades que tiveram para disseminar o gênero.

A primeira *Onda da Ficção Científica Brasileira* começa um ano após o lançamento do *Sputnik*, o primeiro satélite artificial. Em 1958 são lançados a antologia *Maravilhas da Ficção Científica* (Cultrix) e o romance *O Homem que Viu o Disco-Voador* (Livraria Martins), de Rubens Teixeira Scavone (sob o anagrama de "Senbur T. Enovacs"). Os dois livros motivaram parte da intelectualidade a se posicionar em torno da importância do gênero - particularmente a antologia, editada por Fernando Correia da Silva & Wilma Pupo Nogueira Brito. O volume, que foi a primeira antologia de ficção científica publicada no país (só com estrangeiros), contou com a substancial introdução

---

<sup>4</sup> Junto com Gumerindo Rocha Dórea, Jerônimo Monteiro é considerado um descobridor de autores do gênero. Ambos serão responsáveis pela introdução da ficção científica no país.

de Mário da Silva Brito, um importante intelectual da época. Brito saudou o gênero como "vinculado à própria condição do homem contemporâneo frente ao conhecimento, às formas de vida e de comportamento do seu tempo, às incertezas do mundo que limitam, dia a dia, suas esperanças nos descaminhos políticos, às inquietações forjadas pela própria aventura ou experiência científica, à crise que, afinal, define esta etapa histórica" (BRITO, Apud CARUSO, 1986, p. 7)

Brito traçou a genealogia do gênero até a antiguidade, dentro do que os pesquisadores chamam de "protoficção científica" e combateu a noção de enxergá-lo como escapismo e "produto de ideologia reacionária, resultado de artimanha política que visa, de um lado, distrair as populações revoltadas, e, de outro, preparar o espírito dos povos para a aceitação de doutrina imperialista e escravizadora" — a mesma visão negativa que Muniz Sodré iria recuperar e firmar em 1973 com *A Ficção do Tempo* (CABRAL, 1973, p. 98). Entre um e outro, houve um debate nas páginas dos suplementos culturais quanto à validade do gênero. Brito foi muito citado, mas Otto Maria Carpeaux e Alcântara Silveira falaram negativamente, enquanto o historiador mineiro João Camillo de Oliveira Torres afirmava que a ficção científica estava "às portas de passar a ser o grande gênero literário do século 20" (TORRES, 1961, p. 6).

Em outra vertente do debate, Frederico Branco e Willy Lewin defenderam uma ficção científica que rompesse com os aspectos mais tecnófilos e se concentrasse numa postura humanista. Foi nesse contexto - motivado, nas palavras de Brito, pela "atualidade" do gênero, que se acentuou com a explosão atômica de Hiroshima, as notícias de aparecimento de discos voadores, a cibernética, o estudo das novas teorias astronômicas, as modernas concepções biológicas e psicológicas, o exame mais aprofundado dos fenômenos paranormais, como a telepatia, a percepção extra-sensória e a telecinese, e, finalmente, com a devassa sideral pelos "sputniks" - que Gumercindo Rocha Dórea lançou a sua *Coleção Ficção Científica* pelas *Edições GRD*,

publicação que editava de maneira intercalada às obras nacionalistas, integralistas e de matizes congêneres.

A *Ficção Científica GRD* tornou-se a mais importante coleção do gênero da sua época<sup>5</sup> no Brasil, publicando pela primeira vez no país, nomes de peso como C. S. Lewis, Robert A. Heinlein, James Blish, John Wyndham, Chad Oliver, Ievguêni Zamiátin. Cabe registrar que em coleções paralelas, as *Edições GRD* franquearam aos leitores brasileiros também as histórias de Ray Bradbury, H. P. Lovecraft, Walter M. Miller, Jr., Fredric Brown, considerados na época os mais representativos escritores estrangeiros do gênero. No entanto, sua atuação mais importante foi certamente a publicação dos autores brasileiros. No início de 1960, Dórea lança a coletânea *Eles Herdarão a Terra*, de Dinah Silveira de Queiroz, e no mesmo ano, a *Antologia Brasileira de Ficção Científica*, primeira antologia do gênero com narrativas brasileiras - editada por ele, com histórias de André Carneiro, Antonio Olinto, Clóvis Garcia, Dinah Silveira de Queiroz, Fausto Cunha, Jerônimo Monteiro, Lúcia Benedetti, Rubens Teixeira Scavone e Zora Seljan. A estratégia era agrupar autores que já tivessem um compromisso com o gênero (Monteiro, Scavone), e convidar figuras literárias estabelecidas (Queiroz, Olinto etc.) bem como, autores iniciantes no gênero (Carneiro, Cunha, dentre outros) a escrever ficção científica como experimento.

Dórea deu prosseguimento à promoção do gênero ainda em 1960, com a coletânea de Fausto Cunha, *As Noites Marcianas*, e em 1961 com outra antologia, *Histórias do Acontecerá*, com Álvaro Malheiros, Carneiro, Olinto, Garcia, Queiroz, Leon Eliachar, Rachel de Queiroz, Ruy Jungman e Seljan. Também publicaram livros com Dórea, Guido Wilmar Sassi, Scavone, Monteiro, e Levy Menezes. Anos mais tarde, no paradigmático ensaio "Ficção Científica no Brasil: Um Planeta Quase Desabitado", Fausto Cunha, então respeitado crítico literário, chamou esse grupo de autores de "Geração GRD", nome pelo qual

---

<sup>5</sup> Especialistas e leitores aficionados do gênero, em textos, reportagens e entrevistas publicadas em páginas eletrônicas especializadas no tema, atentam para a permanência da afirmação de que a Ficção Científica GRD ainda hoje é a mais bem sucedida experiência do ramo no país. Para muitos especialistas esta coleção permanece ainda hoje o mais bem cuidado projeto de literatura ficcional científica de todos os tempos.

aquele momento chegou até os poucos escritores, fãs e pesquisadores interessados por ficção científica na década de 1980.

A ficção científica da *Primeira Onda* era, de acordo com os especialistas, “uma proposta humanista” e foi muito influenciada pelo americano Ray Bradbury, autor que combinava certa ingenuidade em relação à evolução do gênero e preocupações com a Guerra Fria e o perigo atômico. Quando, em 1976, o pesquisador americano da Universidade do Arizona, David Lincoln Dunbar, veio ao Brasil analisar a ficção científica que se publicava no país, seu objetivo foi também tratar principalmente do material da *Primeira Onda*, enxergando nele menos influência do gênero norte-americano tipo *golden age*, tecnófila e aventureira, e mais características que a aproximariam da chamada New Wave inglesa - mais por coincidência do que por influência direta: o humor, a rejeição à tecnologia, a postura mais à esquerda no plano político e mais satírica. Uma visão diametralmente oposta àquela dos fãs e pesquisadores das décadas de 1980 e 90, que viam na *Geração GRD* a tradução tupiniquim de uma *golden age*.

A *Primeira Onda* durou até fins de 1971, com os títulos brasileiros publicados no *Magazine de Ficção Científica*, revista que Jerônimo Monteiro editou, até a sua morte no começo da década de 1970. Mais tarde a *Primeira Onda* seria estudada em livros como *Viagens às Letras do Futuro: Extratos de Bordo da Ficção Científica Brasileira: 1947-1975* (2002), de Francisco Alberto Skorupa, e *Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro* (2005), de M. Elizabeth Ginway, esta, professora da Universidade da Flórida. A *Primeira Onda*, filha das *Edições GRD* foi responsável por alguns dos mais bem avaliados exemplos de ficção científica nacional, e pelo menos um marco (nas palavras de Fausto Cunha) do romance brasileiro de ficção científica: *Fuga para Parte Alguma*, de Jerônimo Monteiro, lançado em 1961 pelo próprio Rocha Dórea. Na verdade, quando sugerido por jornalistas, colegas e contemporâneos como precursor da edição do gênero no país, Rocha Dórea reforça a ideia de que seu papel teria sido apenas de colaborador do processo de consolidação, reforçando uma postura que permeou todos seus

depoimentos: um discurso talvez, demasiadamente humilde, quem sabe até, ingênuo com relação ao epíteto de precursor.

A ficção científica sempre foi o fiel da balança das *Edições GRD*, no sentido de ser o gênero de maior vendagem da editora. A despeito disso, jamais conseguiu equilibrar o cofre da empresa. Rocha Dórea, editor que lançou dezenas de livros de várias temáticas, de política à ficção, com especial predileção pela ficção científica e escritos políticos de tendência direitista, acabou sendo estigmatizado, segundo o próprio, graças à sua predileção ideológica. A ficção científica serviu, antes de tudo, como ponto propaganda anticomunista, que estabelecia um diálogo bastante estreito com propostas de alguns setores conservadores que começaram a se constituir e ganhar espaço em finais dos anos 1950. Nesse sentido, para muitos de seus críticos, Gumercindo Rocha Dórea não passou de um editor anticomunista que surfou na onda na hora propícia.

Na década de 1980, Dórea se aproximou da nova geração que estava começando a lançar contos e se dispôs a publicar material novo, coisa que fez no mesmo esquema de duas décadas anteriores. No entanto, sem o mesmo fôlego não obteve semelhante receptividade por parte do público especializado, a despeito de continuar publicando novos autores, como José dos Santos Fernandes, Roberto Schima e Cid Fernandez, entre outros, na maioria sem projeção nacional. Foi nesta época que surgiu o termo “Segunda Onda” para batizar essa nova geração, em contraposição, obviamente, à chamada *Primeira Onda*, capitaneada por Jerônimo Monteiro e Gumercindo Rocha Dórea.

Mary Elizabeth Ginway, pesquisadora norte americana que leciona sobre Machado de Assis na Universidade da Flórida, lançou recentemente um livro em que retoma parte da trajetória de Rocha Dórea como precursor deste gênero no país. Em *Ficção científica brasileira - Mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*, Ginway aponta a criação das *Edições GRD* e sua predileção por publicar ficção científica como uma “verdadeira revolução tropical que não passou pelas hostes políticas” (GINWAY, 2007, p. 78). A autora acrescenta:

Nos anos 1960, Gumercindo Rocha Dórea criou a editora que leva suas iniciais, a GRD, e bancou o lançamento de toda uma geração de escritores para o espaço sideral. Desse ponto em diante, o estilo alternou bons e maus momentos no Brasil. A ficção científica publicada pela GRD é, sem dúvida, um barômetro para medir a reação brasileira à modernização. Nesse tempo, o editor Gumercindo Rocha Dórea desafiou toda uma geração a escrever ficção científica. O que defendo em meu estudo é que esses autores, com sua visão brasileira de mundo, transformaram os padrões e os ícones da ficção científica. Por tudo isso, reputo as Edições GRD como fundamental para desenvolver o gênero e dar impulso à nova geração dos 1970, 1980 e 1990. Ela organizou livros como Antologia brasileira de ficção científica (1961) e Histórias do acontecerá - em que aparece o conto *Ma-hôre*, de Rachel de Queiroz. Só isso o põe em distinta evidência (GINWAY, 2007, p. 79).

A autora também afirma que para se entender ficção científica é preciso que se pressuponha a existência das ciências ou de uma visão científica do mundo. Ela pode misturar-se com outros gêneros — horror, fantasia, utopia etc. — mas, sempre há alguma conexão com a ciência, assim como Rocha Dórea dizia quando perguntado sobre o que ele pensava sobre um homem ser, simultaneamente, integralista e editor de ficção científica. Questionado pela suposta ambivalência de suas atitudes, Dórea exclamou: “A ficção científica brasileira tem a mesma iconografia e segue uma trajetória similar à das tradições europeia e americana, só que ambientada numa realidade brasileira” (ROCHA DÓREA, 2008)

Por mais de quarenta anos, Rocha Dórea, a despeito do combate travado por seus pares, devido ao fato de, segundo o próprio, “remar a jusante do real!”, “ora por defender a doutrina integralista, ora por acreditar em ficção”, sempre afirmou que suas maiores paixões eram extremadas justamente por essas duas balizas: “o integralismo e os autores que lançava, sobretudo os poetas e escritores de ficção científica” (ROCHA DÓREA, 2008). Chama a atenção que o editor permaneça sendo homenageado e laureado em eventos especiais do gênero no país. Em julho de 2007, os organizadores do 15.º Encontro Internacional de RPG, ocorrido em São Paulo, realizaram um Simpósio do gênero em que o *Clube de Leitores de Ficção Científica*, renomada

instituição literária no país, programou uma edição especial do seu fanzine *Somnium* (que existe desde 1985), para comemorar a chegada do seu número 100. Essa edição foi dedicada ao trabalho de Gumercindo Rocha Dórea com a ficção científica.

Não nos resta dúvida de que a ficção científica foi uma ocupação de rentabilidade oscilante, mas muito prazerosa para Dórea. Das empresas editoriais inauguradas em meados de 1950, as *Edições GRD* é uma das únicas que permaneceram no mercado<sup>6</sup> (VILLAÇA, 2001). Comercializando seus livros com, “vendas a balcão, como assevera seu proprietário”, continua suas atividades a despeito de possuir pouco mais de 40 títulos em seu catálogo corrente, na maioria reedições de clássicos da ficção científica e sobre o integralismo. Os livros das *Edições GRD* que reproduziam as ideias do catolicismo tradicionalista e do nacionalismo exacerbado, com larga passagem pelos escritos integralistas e de ficção científica (repito, nada mais contraditório), fizeram dela, uma editora proscrita. Publicações tão díspares no seu conteúdo incentivaram comentários críticos por parte de alguns estudiosos, jornalistas e militantes. Com relação a esta suposta contradição, Rocha Dórea tem uma percepção curiosa:

Não entendo porque acham que publicar sobre integralismo e ficção científica é uma contradição. Senão veja: se você tiver curiosidade verá que a ficção científica que eu publicava, via de regra, corroborava a corrida armamentista espacial mais para o lado dos norte americanos, em franca oposição aos Sputniks soviéticos. O anticomunismo sempre esteve à frente disso tudo. Ora! nada mais integralista, anticomunista e consciente que isso. Agora, depois não... com o tempo o verniz foi desbotando... mas está tudo lá... é só ler pra ver... contradição alguma! Oras! (DÓREA, 2009).

As contradições podem aparecer de diversas maneiras. Tiremos nossas conclusões. Este artigo valoriza sua trajetória, mas sinaliza que cinquenta e

---

<sup>6</sup> Além das Edições GRD, poucas editoras como a José Olympio e a Civilização Brasileira permanecem no mercado até os dias atuais, a despeito dos poucos títulos na praça. Ver reportagem do crítico literário José Seffrin em: Folha da Tarde. 21/07/2001, p.9. “O século 21 não comporta mais editores, com as idiosincrasias, com o quixotismo e á maneira de um Enio Silveira (Civilização Brasileira), um José Olympio, um Gumercindo Rocha Dórea (GRD), que são figuras de outro tempo, e que pertencem mais à história da literatura do país que á atualidade”.



quatro anos após sua inauguração, a *GRD* é apenas, como afirma seu próprio idealizador: “um fantasma ululante, frente aos grandes conglomerados editoriais” (ROCHA DÓREA, 2008). De qualquer maneira, causa no mínimo estranhamento que posições tão díspares partam, a primeira vista, de um mesmo personagem. O caráter conservador e muitas vezes reacionário das obras editadas pela *Edições GRD* antagoniza com as brochuras futuristas, de textos ficcionais cuja essência poderia ser interpretada como oposta aos teores dos livros nacionalistas, tradicionalistas e reacionários da editora. O fato desse personagem viver nesta fronteira ambígua entre o conservadorismo das ideias tradicionalistas e nacionalistas e um suposto futurismo só faz aumentar o interesse que a academia tem dispensado a indivíduos como Rocha Dórea. Esta pesquisa valoriza sua trajetória, mas não objeta o fato de que o futuro propagandeado nos livros de ficção científica encontrou um terreno propício para a efetivação da cartilha anticomunista, servindo inclusive de base proselitista de suas preferências ideológicas e idiossincráticas.

Dialogando com esparsos interlocutores, a *GRD* merece ser estudada, não apenas porque foi a mais relevante editora brasileira no gênero ficção científica, mas, sobretudo, porque imprimiu uma nova roupagem à concepção de literatura fantástica no país, independentemente do caráter ambíguo de suas publicações. Em tempos de rememoração, *GRD* (O homem e a editora) certamente aparecem como fundamentais personagens para o entendimento de uma das faces menos conhecidas do *metier* editorial brasileiro.

## Referências bibliográficas

- AYALA, W. *Tesouros encontrados*. Jornal da Tarde. São Paulo. 9 jun.1988.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BRITO, Apud CAUSO. Roberto de Souza. *A primeira onda da FCB*. Jornal da Tarde. São Paulo. 30 ago.1986.

CABRAL, M. S. A. *A Ficção do Tempo: Análise da Narrativa de Ficção Científica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

CAUSO, Roberto de Sousa: *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil 1875-1950*. São Paulo: Clássica, 1986.

\_\_\_\_\_. *A primeira onda da FCB*. Jornal da Tarde. São Paulo. 30 ago.1986.

CAMARGO, Oswaldo. *GRD: um autor teimoso, persistente e quixotesco que há 30 anos procura autores incomuns*. Folha da Tarde. São Paulo. 30 ago.1986.

GINWAY, Mary Elizabeth. *Ficção Científica Brasileira*. São Paulo: Devir Livraria, 2008.

GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

HALLAWELL, Laurence. *História do livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2005.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. 5. São Paulo: T A Queiroz, 1992.

SUPLEMENTO de Cultura do Jornal de Ribeirão. *GRD: Jornalista e editor com mais de 300 títulos*. Literatura: Ribeirão Preto, 24 dez. 1998.

TORRES, João Camillo de Oliveira. *Um mundo em busca de segurança*. Belo Horizonte: IHGM, 1961.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

---

Artigo recebido em 25/03/2010 e publicado em 08/11/2010.